HAMBA X MUKISHI

TATA RUMBE

ALGUMAS INFORMAÇÕES E DIFERENÇAS SOBRE HAMBA E MUKISHI ENTRE OS CHOKWE

2020

HAMBA

Um hamba (mahamba,pl) é um ancestral ou um espírito da natureza ao qual um culto é dedicado. Mahamba são representados por árvores, pedaços de “cupins”(montes feitos pelos cupins), intencionalmente figuras simplificadas e por máscaras. Isto é, através dessas representações simbólicas que orações, ofertas e sacrifícios são enviados aos espíritos para garantir sua proteção na vida cotidiana e acalmar eles, se eles foram irritados por um seguidor de negligência, uma disputa entre seus descendentes ou a falta de observação de algum ato de homenagem. Uma hamba com raiva pode fazer com que o agressor fique doente. Mulheres podem ter problemas ginecológicos e um homem pode ter azar na caçada. Uma Chokwe também pode ficar doente se estiver sido pega por um espírito malévolo. Quando andando pelo mato ou perto de um rio uma pessoa tem a chance de pisar ou tocar nas raspagens de medicamentos ou roupas abandonada após um exorcismo. O espírito banido ainda permanece nesses materiais e possui sua nova vítima.

Os Chokwe distinguem entre os mahamba antigos (makulwana) dos antepassados e os mahamba parasita (yipwiya), que se apegaram a um antigo. Alguns dos yipwiya são de origem estrangeira. Eles são no seu máximo perigoso quando causam doenças e eles também são os mais difíceis de apaziguar. Os mahamba makulwana incluem o ajimu, que representam o pai da linhagem e antepassados maternos e são simbolizado por dois montes de cupins. Um ajimu descontente causa apenas pequenas doenças e por isso o sacerdote cultua os ancestrais descendentes do mais alto escalão, para poder curar simplesmente esmagando uma folha entre as palmas das mãos. Outros mahamba os makulwana traz boa sorte aos caçadores, garante a fertilidade das mulheres e ajudar os adivinhos; eles têm seus próprios cultos e rituais. Somente aqueles mahamba que causam doença (yikola) serão considerados aqui. Quando um Chokwe fica doente, seus parentes o tratam com remédios considerados eficazes. Se o resultado desejado não for obtido, um médico experiente sobre as plantas, seja em relação à seus poderes de cura ou seu simbolismo, ou significado mágico, é convocado. Se a doença continuar ou piorar, um relativo consulta o adivinho (tahi). De várias adivinhações tradicionais de Chokwe instrumentos (ngombo), o atualmente no uso mais difundido é o ngombo ya cisuka, uma cesta redonda contendo sessenta pequenos objetos simbólicos. O tahi sacode a cesta e o subsequente padrão revela a causa da doença, geralmente um espírito de hamba que o tahi especifica o nome. Jimu requer um processo ritual que pode ser bastante demorado. O tratamento é dirigido por um kimbanda, um homem ou mulher que foi exorcizado com o mesmo espírito e posteriormente torna-se membro de seu culto. Isto ocorre na frente de toda a vila e alguns parentes da vítima que vieram especialmente para a cerimônia. Ajudado pelo som de tambores e a multidão aplaudindo, o kimbanda induz um ataque de posse na pessoa (mwenji), que fica sobre um tapete. Na atmosfera do frenesi coletivo, o paciente torna-se febril. Ele começa a tremer e ter convulsões violentas, falando alto e às vezes, se o espírito é estranho torna-se incoerentemente. O kimbanda esfrega-o com remédios feitos com plantas e argila, particularmente conhecida como a purificadora argila branca (pemba), que simboliza inocência.O espírito deve deixar o corpo para que tudo seja apaziguado. O exorcismo é alcançado quando o mwenji, sentindo a hamba se mover progressivamente dos pés à cabeça, joga fora seu nome em um espasmo libertador final; isto

acredita-se que a hamba sai completamente da boca do paciente. Ao nomear o espírito, o mwenji confirma o tahi o diagnóstico e uma cura apropriada pode agora ser escolhida. Frequentemente uma estatueta (ou um saco com vários objetos), também chamado como hamba, torna-se o exorcizado lugar de descanso do espírito. Após uma purificação de cerimônia durante a qual tudo que entrou em contato com a pessoa doente é jogada no mato ou no rio, o kimbanda inicia o paciente no culto. Uma galinha doméstica ou antílope do mato (dependendo do tipo de hamba) é sacrificado na vila, um pouco de seu sangue é esfregado na estatueta ou no símbolo e o animal é então cozido e comido pelo mwenji e sua esposa na presença do kimbanda. Depois disto vem a refeição de comunhão, a estatueta é colocada sob a cama do novo iniciado ou em seu pequeno santuário pessoal chamado (Katunda) . Uma vez restaurado à saúde, ele realiza um ritual mensal na aparência do primeiro trimestre da lua ou corre o risco de adoecer de novo. Fora de sua casa, ele reveste o corpo com os remédios adequados e argila branca, e ora ao espírito e honra-o com um sacrifício. Estes curativos rituais variam de acordo com a aflição do espírito. Os objetos usados para representar, abrigo e honra ao espírito também variam de árvores e cupins para estatuetas e máscaras.

SAMUZANGA EM FRENTE AO SEU SANTUÁRIO (KATUNDA) QUE CONTÉM OS PROTETORES

CONTRA A DOENÇA (MAHAMBA A YIKOLA).

MUKISHI

Os Chokwe usam a palavra mukishi (pl. akishi) para se referir a um ancestral ou natureza de um espírito encarnado por uma máscara. O mascarado é completamente coberto por seu disfarce, vestindo uma “fantasia” apertada feita de fibras tecidas e incluindo luvas e revestimentos para os pés. Acima da máscara, é resistente, mas o cocar às vezes é bruto de vime. Os elementos e acessórios do cocar e do traje representam em vários aspectos, mas sempre tradicionalmente maneiras corretas ao espírito mukishi a ser convocado.

Acredita-se que o mukishi seja uma pessoa que retornou dos mortos que sobe na terra em uma área do arbusto. Até recentemente, mulheres, não iniciados e as crianças foram proibidas de se aproximar ou às vezes até vê-lo. Durante a escola do mato (mukanda), os adolescentes recém-circuncidados foram ensinados que o ser que eles temiam era realmente um homem iniciado usando a mascara. Apesar dessa revelação, no entanto, os Chokwe preservam a crença de que quem veste a máscara perde sua qualidade humana e se torna a encarnação deste espírito. Existem certas formas hereditárias ou adquiridas a pré-requisitos para usar a mascara. Em 1956, na pesquisa um informante que colocou uma máscara pertencente ao Museu do Dundo para que pudesse ser fotogrado; ele recusou, temendo por sobrenatural consequência, mas convocou um amigo autorizado a usar a máscara, que cuspiu antes de colocá-la em sua cabeça. Alfred Hauenstein (1981), que passou longos anos em Angola e na Costa do Marfim, fez um breve estudo da importância da saliva e o cuspir em rituais africanos. Ele indica que o ato de cuspir é ao mesmo tempo uma bênção, uma purificação, uma oferta e uma maneira de apresentar uma solicitação. A Chokwe cospe no interior de uma máscara antes de colocar para obter a proteção do espírito e eliminar qualquer perigo de possessão maligna. Os Chokwe distinguem três categorias de máscaras. O primeiro tipo é o Cikungu sacrificial sagrado ou mukishi wa máscara de mwanangana, representando os antepassados do chefe. Feito de resina é cuidadosamente preservado em uma pequena cabana construída no mato nos arredores da vila. Cikungu é trazido à tona apenas em raras ocasiões, quando um sacrifício é necessário para o bem-estar da comunidade. Ninguém e nenhum novato homem ou mulher é permitido vê-lo, exceto para alguns dignitários idosos e anciões. O segundo tipo é o mukishi a ku Mukanda, que desempenha um papel na iniciação mukanda. Essas máscaras, a maioria delas são de resina, são numerosas e têm uma variedade de toucados (Bastin 1961a: pls. 233-41). Eles controlam o mukanda, mantêm mulheres longe da cerimônia e, quando necessário, procura alimentos preparados pelas mães dos iniciados da aldeia, as mulheres que se refugiam em suas casas quando as máscaras se aproximam. No fim desse rito de passagem, as máscaras são queimadas com o acampamento. No passado, os iniciados permaneceriam no campo por meses e às vezes por anos. A terceira categoria é o mukishi a kuhangana, ou máscara de dança feita de resina ou madeira. Elas são as mais conhecidas Máscaras de Chokwe, aparecendo em numerosos museus e coleções particulares. E vários tipos perderam seu significado ritual, mas Cihongo e Pwo, os dois principais tipos, e os mais antigos e mais nobres, mantiveram seu significado mágico-religioso. Os outros, mesmo no passado, eram usado principalmente para entretenimento, embora eles ainda fossem considerados akishi, e portanto, não pôde ser abordado ou tocado com impunidade. Máscaras desse terceiro tipo e seus trajes são mantidos por seus proprietários, os únicos autorizados para vestir ou dançar. Pode-se também herdar uma máscara ou solicitá-la a um escultor se alguém demonstrou habilidade como dançarino durante o mukanda, quando todos os tipos danças são ensinados. Todos esses mascarados são propícios desde que são ritualmente honrados. Os Chokwe usaram ocasionalmente uma máscara (mukishi) como uma hamba, como objeto de um culto; deve ser usado e exibido regularmente e, quando necessário, seja usado em uma cerimônia de exorcismo. Cikunza, a máscara mais importante usada no Mukanda, é conhecido por possuir esta dupla qualidade mística de mukishi de proteção e espírito hamba (Baumann 1935; Bastin 1961a; Lima, 1967, 1971). Através de informantes, Sachombo e Sakumbu, aprendemos que o Cikungu, Cihongo, e as máscaras Pwo também tinham essa característica.

DIVINADOR SAMBAU MWANDUMBA COM SUA DIVINAÇÃO EM CESTA (NGOMBO YA CISUKA). COM O CHOCALHO (MUSAMBU) QUE TEM O PODER DE EXPULSRA ESPÍRITOS MALÍGNOS.

AS MONTANHAS DE TERRA NO FUNDO REPRESENTAM OS MAHAMBA AJIMU, QUE NO TEXTO É REFERIDO COMO CUPINS.

PESQUISAS E TRADUCÕES TATA RUMBE

RIO DE JANEIRO

31/03/2020